

BOLETIM SUBSEÇÃO DIEESE - FENATTEL

São Paulo, 27 de março de 2013.

Técnica responsável: Renata Miranda Filgueiras (renataf@dieese.org.br). Telefone: (11)3333-1119
Endereço: Rua Santa Isabel nº 160, 8º andar. CEP: 01221-010. São Paulo-SP.

Elementos Econômicos

CAMPANHA SALARIAL DAS PRESTADORAS

Introdução

Durante a Campanha Salarial é importante o dirigente sindical estar provido de informações, tanto de seus pontos específicos, quanto de elementos conjunturais e políticos nacionais. A Subseção DIEESE-FENATTEL elaborou o presente material, indicando elementos econômicos importantes, que poderão ser utilizados pela diretoria da FENATTEL em suas negociações durante a Campanha Salarial das Prestadoras de Serviço em Telecomunicações.

Conjuntura Nacional

A economia dá sinais de recuperação: O baixo crescimento verificado no ano passado teve como uma causa principal o sofrível desempenho do setor industrial. O hiato entre a indústria (queda de -2,7% em 2012) e o comércio (que cresceu 8,4%), que é muito significativo, tem dado a dinâmica recente da economia brasileira. Numa economia que vem gerando empregos e a massa salarial vem expandindo, parcelas crescentes da população passam a adquirir bens duráveis e a consumir serviços que não consumiam antes. . O fato é que, mesmo com discreto aumento na taxa de desemprego, e com uma desaceleração no ritmo de geração de postos de trabalho a taxa de desemprego atingiu os menores patamares da história. É importante considerar que, mesmo com um crescimento pífio de 0,9% o mercado de trabalho gerou 1,3 milhão de empregos em 2012. Como 2013 deverá ser um ano bem mais positivo para o crescimento da economia (algumas estimativas arriscam 4%) é de se esperar, no mínimo, uma estabilidade na taxa de desemprego.


Inflação: O Banco Central (BC) tem acompanhado com cautela a trajetória da inflação e sua expectativa para 2013 é de 5,89% para o IPCA-IBGE, abaixo do ~~meta~~ da meta (6,5%), e estável em comparação a 2012 (5,84%). Esta visão encontra-se amparada no ~~%~~ Relatório de Inflação+ do 4º trimestre de 2012, de que há um cenário externo relativamente estável, que cria um ambiente

benigno para o preço das *commodities* internacionais; no cenário interno, o crescimento da agropecuária e indústria foi menor que o esperado e que o setor terciário (comércio e serviços), com relativa estabilidade, contribuiu para crescimento econômico abaixo do esperado.

O BC reconhece que há pressões inflacionárias, mas decorrentes principalmente do segmento de alimentos e bebidas (muito cotados internacionalmente), e que a tendência é de queda da taxa de inflação. Em sua última ata, o Comitê de Política Monetária (COPOM) salientou, porém, que percebe alguma pressão em determinados grupos de preços, mas que não decorrem diretamente da demanda, dado que o nível de atividade econômica doméstica se encontra menos intenso do que se antecipava. Mas, de qualquer forma, não descarta a elevação da taxa de juros (Selic).

Numa conjuntura de elevação dos preços de alguns itens, e com a continuidade da geração de empregos e do crescimento da massa salarial (6,7% em 2012), que permite que os trabalhadores, especialmente os localizados na base da pirâmide salarial, possam continuar consumindo, é normal que haja uma pressão nos preços. É relevante observar que, mesmo com a redução dos juros a patamares historicamente baixos em 2012, a inflação permaneceu em nível inferior ao ano anterior.

E subir a Selic neste momento significa valorizar a taxa de câmbio, e com um dólar mais fraco nossa Balança Comercial se deteriora ainda mais, dado que as importações ficam mais baratas em relação às exportações. Além disso, um dólar mais fraco complicará o turismo na Copa do Mundo e isso terá impactos diretos no setor de telecomunicações.

 **Desoneração dos produtos da cesta básica:** a Medida Provisória (MP) nº 609, de 08 de março de 2013, reduz a zero as alíquotas do PIS/Pasep, da Cofins e o IPI, incidentes sobre alguns produtos de alimentação e higiene pessoal. Os produtos desonerados são: carnes bovina, suína, de aves, caprina, ovina e o pescado; arroz, feijão, lei integral, café, açúcar, farinhas, pão, óleo, manteiga, frutas, legumes, sabonete, papel higiênico e pasta de dentes. O impacto da desoneração no custo da CB é de difícil mensuração, pois existem múltiplos fatores determinantes dos preços finais ao consumidor, tais como: o custo de produção, o desempenho da safra, os efeitos do clima, o comércio internacional, condições de distribuição, entre outros. A tributação é mais um desses fatores. Ademais, a desoneração tributária de um produto pode não chegar ao consumidor final, caso este benefício seja retido pelas empresas através da ampliação da margem de lucro sobre o faturamento.

Porém, caso a desoneração seja inteiramente repassada aos preços, representar um alívio no orçamento das famílias. O DIEESE fez uma simulação do potencial de redução do custo da CB:

TABELA 1
 Simulação do potencial de redução do custo da cesta básica com a isenção tributária da MP 609

Capital	Valor da cesta (R\$)	Valor correspondente ao PIS-Cofins e IPI (R\$)	Gasto mensal deduzindo o valor dos tributos (R\$)	Potencial de redução, em %
Florianópolis	314,46	14,18	300,28	-4,51%
Porto Alegre	318,16	13,87	304,29	-4,36%
Curitiba	293,25	12,50	280,75	-4,26%
Brasília	306,39	12,99	293,40	-4,24%
Vitória	313,4	12,59	300,81	-4,02%
São Paulo	326,59	12,98	313,61	-3,97%
Belo Horizonte	313,48	12,38	301,10	-3,95%
Campo Grande	269,38	10,48	258,90	-3,89%
Aracaju	238,4	8,99	229,41	-3,77%
Goiânia	286,34	10,79	275,55	-3,77%
Rio de Janeiro	306,83	11,54	295,29	-3,76%
João Pessoa	270,06	9,89	260,17	-3,66%
Salvador	270,04	9,65	260,39	-3,57%
Fortaleza	276,98	9,79	267,19	-3,53%
Natal	283,27	9,87	273,40	-3,48%
Recife	278,92	9,43	269,49	-3,38%
Belém	286,7	9,07	277,63	-3,16%
Manaus	314,18	9,85	304,33	-3,14%

Fonte e Elaboração: DIEESE - Pesquisa Nacional da Cesta Básica.

As reduções variam de -3,14%, em Manaus a -4,51%, em Florianópolis. As maiores reduções encontram-se nas cidades do sul, uma vez que a carne tem maior peso na composição da cesta. Vale ressaltar que a desoneração da cesta básica também trará impactos sobre a taxa de inflação oficial medida pelo IPCA-IBGE. Assessorias especializadas calcularam um impacto estimativo sobre o IPCA de -0,60% e -0,61%, tendo como referência a taxa de fevereiro de 2013. Para o ICV-DIEESE, a estimativa foi de -0,75%.


- Redução das tarifas de energia elétrica:** segundo o governo, a redução será de até 32% para as empresas e de até 18% consumidores finais. A redução da tarifa afetará positivamente a despesa das empresas de telecomunicações e também os índices de inflação ao consumidor, reduzindo seu resultado.

Conjuntura Setorial

- Mercado de Telecom terá crescimento médio de 5,3% ao ano:** a informação é do Sinstal, a partir de pesquisa realizada pela consultoria Frost & Sullivan, a qual afirma que o setor crescerá 5,3% ao ano, em média, até 2017. Segundo o Sinstal, o estudo destaca que


esse crescimento será possível devido à *expansão na cobertura das redes fixas, junto com o crescimento das redes móveis e do uso de smartphones e outros aparelhos conectados à Internet*. A consultoria salienta ainda que o maior desafio para o setor é a alta carga tributária para equipamentos de rede (ver, em seguida, comentário sobre o REPNBL) e sobre serviços.


Mesmo considerando alta a carga tributária, a expectativa de crescimento médio anual no patamar de 5,3% é bastante positiva para o setor e para as negociações coletivas! Essa perspectiva de crescimento médio supera, e muito, o esperado para o PIB brasileiro, o qual deverá ficar em 3% em 2013 e 3,5% em 2014, segundo o Boletim Focus do Banco Central (22/03), que capta as tendências dos analistas de mercado.

 **REPNBL (Regime Especial de Tributação do Programa Nacional de Banda Larga):** essa medida do governo federal pretende ampliar a oferta de serviços de Banda Larga e baratear os preços, através da desoneração de impostos (PIS/PASEP-Cofins e IPI) para empresas que apresentarem projetos para infraestrutura das redes de telecomunicações, que suportem acesso à internet em banda larga. Com impacto fiscal de cerca de R\$ 3,8 bilhões até 2016, as empresas do setor de telecom poderão antecipar até R\$ 18 bilhões em investimentos.

A medida estabelece também, dentre outros, percentuais mínimos para equipamentos e componentes de redes fabricados e desenvolvidos com tecnologia nacional. A própria ABINEE (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica) manifestou apoio ao programa, pois, segundo a entidade, *o REPNBL permitirá que se tenha maior visibilidade dos projetos até 2016, proporcionando tempo suficiente para que a indústria se capacite para atender, com qualidade e prazo, os programas de ampliação da banda larga no país*.

O REPNBL impactará positivamente a cadeia produtiva de Telecom, e as empresas prestadoras de serviços farão parte deste impacto, pois são elas quem oferecem os serviços de implantação e manutenção de redes às operadoras de telecomunicações.

 **Desoneração tributária** para smartphones e equipamentos de M2M (máquina a máquina): essa medida permitirá a expansão de um segmento ainda pouco desenvolvido, através da redução da cobrança do Fistel (Fundo de fiscalização das telecomunicações).

 **Dados operacionais das empresas de Telecomunicações:** o IBGE publica anualmente a Pesquisa Anual de Serviços (PAS) com resultados dos serviços não financeiros no Brasil. Apesar das últimas informações serem de 2010, é importante avaliar a estrutura do setor de telecomunicações, evidenciada pela PAS, analisada a seguir.

Em 2010, a Receita Operacional Líquida (total das receitas, deduzidos impostos, devolução de vendas) ficou em R\$ 131,01 bilhões, com crescimento nominal de 1,9%. O valor Bruto da

Produção (é a receita líquida menos os custos com mercadorias revendidas) ficou em R\$ 130,46 bilhões, variação de 4% e o Gasto com Pessoal teve variação de 12% e ficou em R\$ 10,29 bilhões, assim como o Excedente Operacional Bruto (R\$ 50,71 bilhões).

Importante analisar que, apesar da variação de 12%, os gastos com pessoal permanecem em patamar reduzido quando comparado com outros indicadores. A participação da despesa de pessoal na receita líquida representa apenas 8%, enquanto o excedente operacional participa com praticamente 40%. Além disso, o indicador de quanto cada empregado contribui para a geração de valor da produção (R\$ 818,22 mil) é 12 vezes superior ao gasto anual com pessoal por empregado (R\$ 64,57 mil).

TABELA 2
Indicadores selecionados - Empresas de Telecomunicações em R\$ Mil

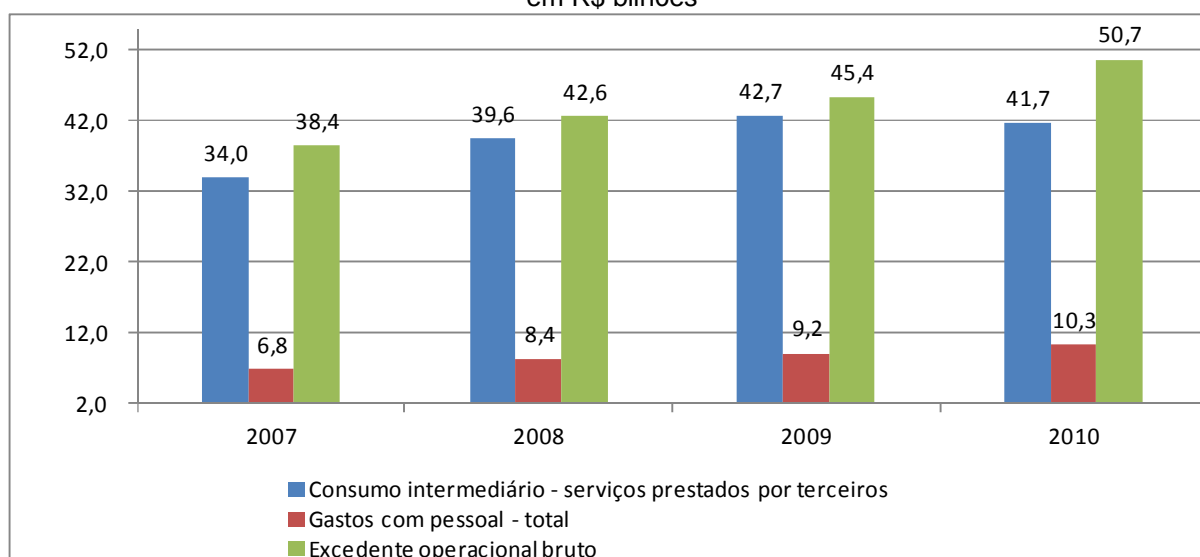
Indicador	2009	2010	Â 2010/2009	Participação
Receita Líquida	128.631.837	131.016.575	2%	100,0%
Valor bruto da produção	125.570.528	130.469.724	4%	99,6%
Excedente operacional bruto	45.442.429	50.715.548	12%	39%
Gasto total com pessoal	9.195.648	10.295.920	12%	8%
Pessoal ocupado (em 31/12)	143.539	159.455	11%	-
Número de empresas	3.117	3.663	18%	-
Valor bruto da produção por empregado (R\$ mil)	874,82	818,22	-6%	-
Gasto com pessoal por empregado (R\$ mil)	64,06	64,57	1%	-

Fonte: IBGE, PAS 2010.

Elaboração: DIEESE, Subseção FENATTEL

Os dados da PAS revelam também o elevado grau de terceirização dos serviços e a alta margem operacional das empresas de telecomunicações. Em 2010 enquanto o excedente operacional totalizou R\$ 50,7 bilhões e os gastos com serviços de terceiros somaram R\$ 41,7 bilhões, as despesas de pessoal foram de R\$ 10,2 bilhões (Gráfico 1).

GRÁFICO 1
Indicadores selecionados - Empresas de Telecomunicações (PAS Æ IBGE, 2010)
 em R\$ bilhões



Mercado de Trabalho

O Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) é uma publicação do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e traz informações da movimentação (admitidos e desligados) mensal dos trabalhadores, sob o regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Dado o alto grau de terceirização do setor de telecomunicações, é importante salientar que o Caged não capta, com fidedignidade, o total dos trabalhadores em telecom, de modo que os dados apresentados ficam subestimados, em termos quantitativos. Porém, **o Caged reflete informações fundamentais em relação às tendências do mercado de trabalho de telecomunicações.**

Feitas essas ressalvas, a tabela a seguir mostra a movimentação dos trabalhadores no setor. Em fevereiro de 2013, a movimentação foi positiva em 1.069 postos de trabalho, com um salário médio nominal, para os admitidos, de R\$ 1.232. Em 2011, foram criados 17.226 empregos, com um salário médio de R\$ 1.322, enquanto em 2012 o saldo entre admitidos e demitidos foi negativo (-363), e o salário médio ficou em R\$ 1.416. A relação entre o salário dos admitidos e dos demitidos foi, em média, de 82%, ou seja, o trabalhador admitido recebeu salário inferior àquele desligado.

TABELA 3
Movimentação dos trabalhadores no setor de Telecomunicações - Brasil

mês/ano	Admitidos		Desligados		Saldo	Salários admitidos/demitidos
	N ^o Trabalhadores	Salário médio mensal em R\$	N ^o Trabalhadores	Salário médio mensal em R\$		
jan/11	5.626	1.335,84	4.830	1.589,50	796	84,0%
fev/11	5.911	1.319,81	4.766	1.627,34	1.145	81,1%
mar/11	6.731	1.288,27	4.771	1.572,76	1.960	81,9%
abr/11	7.551	1.320,27	5.770	1.479,98	1.781	89,2%
mai/11	6.865	1.390,27	5.794	1.635,41	1.071	85,0%
jun/11	5.933	1.331,38	5.366	1.649,91	567	80,7%
jul/11	6.528	1.320,58	5.245	1.603,44	1.283	82,4%
ago/11	7.571	1.330,01	5.742	1.826,98	1.829	72,8%
set/11	6.707	1.413,89	5.538	1.664,75	1.169	84,9%
out/11	6.607	1.332,31	5.096	1.633,09	1.511	81,6%
nov/11	7.295	1.223,37	4.994	1.545,80	2.301	79,1%
dez/11	6.314	1.266,97	4.501	1.480,11	1.813	85,6%
Total 2011	79.639	1.322,23	62.413	1.612,31	17.226	82,0%
jan/12	6.834	1.437,90	6.452	1.596,18	382	90,1%
fev/12	6.722	1.358,13	6.266	1.729,96	456	78,5%
mar/12	6.348	1.464,78	7.273	2.068,38	-925	70,8%
abr/12	6.937	1.426,80	6.795	1.648,40	142	86,6%
mai/12	7.044	1.399,61	5.759	1.686,77	1.285	83,0%
jun/12	6.545	1.450,09	7.206	1.998,44	-661	72,6%
jul/12	6.584	1.434,83	6.171	1.634,08	413	87,8%
ago/12	6.575	1.493,31	6.964	1.629,23	-389	91,7%
set/12	6.266	1.520,64	7.037	1.510,68	-771	100,7%
out/12	6.791	1.359,33	7.328	1.588,03	-537	85,6%
nov/12	6.395	1.304,56	6.132	1.665,70	263	78,3%
dez/12	5.384	1.337,05	5.405	1.802,71	-21	74,2%
Total 2012	78.425	1.416,23	78.788	1.715,40	-363	82,6%
jan/13	7.165	1.244,63	7.582	1.436,80	-417	86,6%
fev/13	15.364	1.232,56	14.295	1.447,24	1.069	85,2%
Total 2013	22.529	1.236,40	21.877	1.443,62	652	85,6%

Fonte: MTE - CAGED

Elaboração: DIEESE, Subseção FENATTEL

CNAE utilizada: Divisão 61 - Telecomunicações

Interessante notar que o saldo negativo do Caged para os trabalhadores em telecom, em 2012, afetam mais diretamente ocupações da área administrativa do setor, com exceção dos IRLA, Encanador e Instalador de Tubulações e Telefonistas. Mas no geral, o resultado negativo do Caged não tem representatividade significativa no estoque dos trabalhadores, que ficou em 195.080 em 2012, relativamente estável na comparação com o estoque em 2011 (195.443). Este fato pode significar que o saldo negativo reflete muito mais uma reestruturação interna do setor, do que uma desaceleração da atividade econômica, pois as perspectivas são otimistas para 2013 e próximos anos, conforme exposto anteriormente.

Além disso, em 2012, houve desaceleração no ritmo de crescimento do emprego na economia como um todo, mas a participação dos empregos no setor de serviços em relação à

ocupação total continuam em patamares elevados e a evolução do estoque do emprego nos Serviços e Comércio foi sempre maior do que a taxa de crescimento para o Brasil.

Cláusulas Econômicas

✚ **Data Base:** o reajuste necessário para recompor o poder de compra da categoria, se considerarmos a data-base será, segundo as estimativas do BC (INPC-IBGE)

- a. 6,8% para abril;
- b. 7,0% para maio

Estas previsões são 1,94% (abril) e 1,83% (maio) superiores, na comparação com o realizado em 2012 (4,97% para abril e 4,88% para maio). A previsão de uma taxa de inflação mais elevada na presente data-base afetará as negociações coletivas em todo o Brasil, no setor de telecom.

Balanço dos Reajustes Salariais 2012 tem melhor resultado!

Das 704 unidades de negociação analisadas pelo Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS-DIEESE) 95% conquistaram aumentos reais de salários. É o melhor resultado desde 2008. Os reajustes nas faixas de maiores ganhos reais também cresceram em 2012 (63% dos reajustes tiveram entre 1,01% a 3% acima do INPC).

TABELA 4

**Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE
Brasil, 2008-2012**

Varição	2008 %	2009 %	2010 %	2011 %	2012 %
Acima do INPC-IBGE	78,3	80,5	87,8	87,1	94,6
Mais de 5% acima	0,6	1,7	4,3	1,4	4,4
De 4,01% a 5% acima	0,9	1,4	3,4	1,4	4,0
De 3,01% a 4% acima	3,3	2,8	8,8	5,7	3,7
De 2,01% a 3% acima	9,7	11,4	16,3	15,2	28,4
De 1,01% a 2% acima	29,7	25,7	27,7	36,1	34,2
De 0,01% a 1% acima	34,2	37,5	27,3	27,3	19,9
Igual ao INPC-IBGE	10,7	11,6	7,7	7,1	4,1
De 0,01% a 1% abaixo	9,5	5,4	4,0	4,8	1,1
De 1,01% a 2% abaixo	0,9	0,6	0,1	0,4	0,1
De 2,01% a 3% abaixo	0,3	0,6	0,1	0,3	-
De 3,01% a 4% abaixo	-	0,1	0,1	-	-
De 4,01% a 5% abaixo	-	0,1	0,1	-	-
Mais de 5% abaixo	0,4	1,0	-	0,3	-
Abaixo do INPC-IBGE	11,1	7,8	4,5	5,8	1,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: DIEESE SAS-DIEESE - Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs: Para efeitos de comparação, foram considerados, em todos os anos, os reajustes salariais das mesmas 704 unidades de negociação.

Nos três setores, a maior parte dos reajustes de 2012 se concentrou nas faixas de aumento real de até 3%. Crescimento dos reajustes com aumentos reais entre 2008-2012 é ainda mais expressivo nos Serviços do que na Indústria e no Comércio.

No setor de Serviços, o ano de 2012 apresenta um crescimento de aproximadamente 28 p.p. no conjunto de reajustes com aumentos reais, na comparação com 2008. Em relação a 2011, o aumento foi de 11 p.p. Cresce a incidência de aumentos reais entre 1,01% e 3% acima do INPC-IBGE, e os maiores que 4%, em especial aqueles superiores a 5% acima do índice inflacionário (Tabela 5).

TABELA 5
Distribuição dos reajustes salariais nos Serviços, em comparação com o INPC-IBGE
Brasil, 2008-2012

Variação	(em %)				
	2008	2009	2010	2011	2012
Acima do INPC-IBGE	61,8	70,6	81,9	78,2	89,5
Mais de 5% acima	0,4	2,1	6,7	2,9	8,0
De 4,01% a 5% acima	0,4	2,1	2,1	0,8	3,8
De 3,01% a 4% acima	1,7	1,7	5,5	3,8	2,1
De 2,01% a 3% acima	7,6	7,6	9,7	5,0	16,8
De 1,01% a 2% acima	16,4	20,6	17,6	25,6	30,7
De 0,01% a 1% acima	35,3	36,6	40,3	39,9	28,2
Igual ao INPC-IBGE	17,6	18,9	10,9	10,5	8,0
De 0,01% a 1% abaixo	17,6	7,6	6,7	9,7	2,1
De 1,01% a 2% abaixo	1,7	0,4	0,4	0,8	0,4
De 2,01% a 3% abaixo	0,4	0,4	-	-	-
De 3,01% a 4% abaixo	-	0,4	-	-	-
De 4,01% a 5% abaixo	-	-	-	-	-
Mais de 5% abaixo	0,8	1,7	-	0,8	-
Abaixo do INPC-IBGE	20,6	10,5	7,1	11,3	2,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE. Sistema de Acompanhamento de Salários
Obs.: Dados referentes aos reajustes salariais de 238 unidades de negociação

Em 2012, o aumento real médio verificado nas unidades de negociação do setor de Serviços foi de 1,81% . também o maior em todo o período.

TABELA 6
Aumento real médio⁽¹⁾, por atividade econômica nos Serviços
Brasil, 2008-2012

Atividade Econômica	2008 (%)	2009 (%)	2010 (%)	2011 (%)	2012 (%)	Painel (nº)
Bancos e Seguros Privados	1,12	0,76	2,06	1,81	1,55	12
Comunicações, Publicidade e Empresas Jornalísticas	0,05	-0,41	0,68	0,26	0,41	33
Educação	0,23	0,47	1,18	0,73	1,47	33
Processamento de Dados	0,10	0,23	1,24	0,60	1,06	14
Segurança e Vigilância	1,74	1,96	2,19	0,49	2,31	16
Serviços de Saúde	0,26	0,45	0,54	0,54	1,35	21
Transportes	0,07	0,85	1,12	1,36	1,96	38
Turismo e Hospitalidade	0,91	1,34	2,49	1,63	3,18	52
Total	0,49	0,70	1,41	0,98	1,81	238

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE. Sistema de Acompanhamento de Salários

Nota: 1) Considera apenas a variação real, descontado o percentual do INPC-IBGE acumulado entre as datas-base de cada unidade de negociação

Obs.: a) São apresentadas apenas as atividades econômicas com dez ou mais unidades de negociação registradas no painel analisado

b) No total foram consideradas todas as unidades de negociação do setor

É preciso salientar que os aumentos reais segundo o recorte por data-base, no segundo semestre de 2012 foram, em média, menores do que os conquistados pelas categorias profissionais com data-base no primeiro semestre, um comportamento diverso do observado nos anos anteriores.

Entre as possíveis causas para a redução dos ganhos reais no segundo semestre há que se considerar **o ritmo lento da atividade econômica em 2012, com queda dos investimentos**. Ao longo do ano, verificou-se uma piora gradativa das expectativas dos empresários quanto à reação da atividade econômica. Tal agravamento **pode ter resultado no endurecimento da postura patronal** nas negociações coletivas. Outro fator a ser levado em consideração é a elevação das taxas de inflação de 12 meses a partir de julho, segundo o INPC-IBGE¹.

Os Reajustes Salariais nas prestadoras de serviço em telecomunicações

A subseção do DIEESE-FENATTEL analisou 36 unidades de negociação coletiva do segmento das **empresas prestadoras de serviço**, a partir de material enviado ao Departamento de Negociações pelos sindicatos filiados à Fenattel², com datas-base em abril, maio, junho e setembro³.

Importante destacar que os documentos analisados não constituem o universo dos acordos e convenções coletivas de trabalho da categoria, de modo que os dados apresentados não podem ser extrapolados para além do conjunto ora exposto. Os dados têm valor indicativo e buscam captar tendências da negociação salarial do segmento das prestadoras.

A maioria (61%) dos documentos analisados são Convenções Coletivas de Trabalho (CCT) e 39% são Acordos Coletivos de Trabalho (ACT).

TABELA 7
Distribuição dos reajuste salariais por tipo de instrumento

Tipo de instrumento	nº	%
Acordo Coletivo	14	39%
Convenção Coletiva	22	61%
TOTAL	36	100%

Fonte: Departamento de Negociações - FENATTEL e Sindicatos filiados

Elaboração: DIEESE, subseção FENATTEL

A média de aumento real das negociações nas prestadoras de serviço de telecomunicações foi de 0,82%, acima, portanto, do aumento real médio (0,41%) verificado no Painel acompanhado pelo DIEESE em 2012, no segmento % Comunicação, Publicidade e Empresas

¹ Para ver estudo completo, acesse o sítio do DIEESE: www.dieese.org.br (Balanço das negociações dos reajustes salariais de 2012).

² Documentos enviados até a data de 22/02/2013.

³ Apesar da datas-base das prestadoras ser em abril e maio, alguns ACT (três documentos) apresentaram datas-base em junho e setembro.

Jornalísticas+(Tabela 6). Porém, a média de aumento real das prestadoras ficou abaixo (0,82%) da média de aumento real em comparação com o total do setor de serviços (1,81%) analisado pelo Painel do DIEESE.

Dos reajustes analisados, 86% (31 unidades de negociação) resultaram em ganhos salariais acima da inflação, concentrados nas faixas entre 0,51% e 1,5% acima do INPC-IBGE (72,2% dos reajustes analisados). Abaixo do INPC-IBGE ficaram 5,6% dos reajustes tiveram resultados iguais ao INPC-IBGE e 8,3% (3 unidades de negociação) ficaram abaixo da inflação na data-base.

TABELA 8
Distribuição dos reajustes salariais em comparação com o INPC-IBGE
Base FENATTEL

Variação	2012	
	nº	%
Acima do INPC-IBGE	31	86,1%
De 3,01% a 3,5% acima	-	0,0%
De 2,51% a 3% acima	-	0,0%
De 2,01% a 2,5% acima	1	2,8%
De 1,51% a 2% acima	1	2,8%
De 1,01% a 1,5% acima	10	27,8%
De 0,51% a 1% acima	16	44,4%
De 0,01% a 0,5% acima	3	8,3%
Igual ao INPC-IBGE	2	5,6%
De 0,01% a 0,5% abaixo	1	2,8%
De 0,51% a 1% abaixo	2	5,6%
De 1,01% a 1,5% abaixo	-	0,0%
De 1,51% a 2% abaixo	-	0,0%
De 2,01% a 2,5% abaixo	-	0,0%
De 2,51% a 3% abaixo	-	0,0%
De 3,01% a 3,5% abaixo	-	0,0%
Abaixo do INPC-IBGE	3	8,3%
Total	36	100,0%

Fonte: Departamento de Negociações - FENATTEL e Sindicatos filiados
Elaboração: DIEESE, subseção FENATTEL